

Curso Online de Filosofia

OLAVO DE CARVALHO

Aula 175
13 de outubro de 2012

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos. Sejam bem-vindos.

Depois de todo o tempo decorrido desde o início do curso, nós já temos condição de fazer uma revisão do caminho percorrido, tirar algumas conclusões e esboçar um pouco do que pretendemos fazer no futuro. Vocês devem ter notado que ao longo deste curso eu me ative rigorosamente ao sentido da palavra “seminário”, que vem do latim e significa “semente”: eu lanço as sementes e nem sempre acompanho o crescimento, o florescimento delas; ou seja, a idéia do seminário é abrir possibilidades, abrir portas, não necessariamente acompanhar o aluno em todo o desenvolvimento das conseqüências que ele pode extrair daí. E isso foi feito assim de maneira propositada, em vista dos objetivos mesmo do curso.

Todo e qualquer curso do que quer que seja não tem apenas uma seqüência, um programa, mas uma meta que define o programa e o caminho a percorrer. A meta aqui, desde o início, foi expressa com muita clareza: a idéia de formar uma nova geração de intelectuais – escritores, pensadores, formadores de opinião etc. – capaz de sanear um pouco o ambiente, compensando essa situação de extremo desequilíbrio que se observa no panorama cultural brasileiro, onde a atividade rotulada “cultural” nunca teve tantos meios de ação, tanto dinheiro e tanta presença pública, levando um dos nossos ex-ministros da cultura a dizer que jamais o Brasil atravessara um florescimento cultural dessas proporções. Florescimento cultural, para ele, era o número de espetáculos, de discos, de exposições etc. – tudo, evidentemente, financiado com o dinheiro do governo.

Com efeito, esse lado puramente material e quantitativo da coisa nunca esteve tão bem, nunca houve tanta assistência oficial e tanta ajuda privada às atividades culturais, porém, tudo é de uma superficialidade e de uma mesquinaria absolutamente acachapantes – a não ser, evidentemente, quando reencenam, por exemplo, um Shakespeare: por mais que eles consigam piorar Shakespeare, o texto continua Shakespeare; por péssimos que possam ser os atores, as palavras que eles estão dizendo não são deles, então há um limite para a capacidade humana estragar essas coisas; do mesmo modo quando há reedições de livros importantes, isto também conseguem estragar, por pior que seja a edição.

Nunca houve tanta riqueza quantitativa na cultura nacional e tanta pobreza de conteúdo, é um negócio abismante, de modo que quando aquele ex-ministro disse aquilo, eu percebi que a quantidade havia realmente tomado o lugar da qualidade: ela começara a valer por si: não era o conteúdo do que estavam fazendo, era o número, a quantidade de coisas que faziam, que contava. E ele disse isso com toda a sinceridade: até onde ia sua compreensão, a coisa estava indo realmente muito bem. Outro dia eu vi

uma entrevista com um cidadão francês que mora em São Paulo; ele disse: “O que eu mais gosto nessa cidade é a oferta cultural, que é muita vasta”.

De fato, a oferta cultural é enorme, porém do ponto de vista da relevância tudo aquilo é absolutamente nulo. E, pior ainda, isso está criando nas novas gerações uma noção absolutamente falsa do que seja a alta cultura: para eles, alta cultura de fato é arte e espetáculos – a indústria cultural. A indústria cultural passa a ser a cultura. Para mim, já estava claro havia muito tempo que isso acabaria acontecendo, mas eu não esperava que acontecesse de maneira tão ostensiva: a cultura como atividade industrial e comercial acabar virando uma finalidade em si, independente do valor intelectual e espiritual que possa ter para as pessoas. No entanto, isso aconteceu, está acontecendo diante dos nossos olhos.

Nem preciso mencionar o que acontece no setor do ensino universitário, porque todos vocês têm experiência disso; hoje é normal que professores universitários sejam semi-analfabetos, não entendam absolutamente nada do que estão ensinando: isso é normal e obrigatório. E também é normal e obrigatório que tentem substituir o conhecimento e a competência pedagógica deles por medidas disciplinares, ameaças etc., tentando controlar uma situação que já se tornou incontrolável. Diante disso, a necessidade de formar uma nova geração é coisa bastante óbvia.

Qual é o modelo de ensino que eu pude seguir para conceber este curso? Não existe um, porque não existe precedente de uma operação assim, então é preciso aproveitar um pouco daqui, um pouco dali. Mas estudei o assunto, estudei esses fenômenos de florescimento cultural que houve aqui e ali para ver se nós poderíamos aproveitar algo – sempre se pode. Mas ficou bem claro para mim que não poderíamos usar nisso os procedimentos habituais do ensino universitário e, na verdade, de qualquer ensino formal. Por quê? Porque se tentássemos organizar muito este ensino, na base de ter práticas regulamentares, acompanhar o desenvolvimento de cada um, graduar o aproveitamento com notas ou coisa parecida, estaríamos criando uma situação escolar.

E a situação escolar, como já expliquei em outras aulas, é eminentemente teatral. Tudo o que está sendo discutido dentro de uma escola apenas para fins de ensino é coisa que não vai ter conseqüências; o conteúdo do que se escreve num trabalho escolar, por exemplo, só serve para que o seu aproveitamento seja julgado: aquilo não vai exercer influência na opinião pública, o que se produzir ali não vai se incorporar à cultura e, sobretudo, por ser uma atividade educacional, na qual todos os alunos têm o direito de errar, em se tratando disso é na base de tentativa e erro que se progride. Tudo isso faz com que a escola seja um ambiente de certo modo protegido do mundo, ao passo em que o que se publica num jornal, por exemplo, ou se diz numa entrevista de televisão, ou se imprime num livro, evidentemente tem conseqüências – o autor é responsável por aquilo, é cobrado por aquilo e o que disse se incorpora à sua imagem pública –; o que se escreve num exercício escolar é apenas um exercício escolar, o que se escreve numa prova vai ser arquivado e ninguém mais além do professor vai jamais ler aquilo.

Ainda pior: o que estou dizendo aplica-se à quase totalidade da produção “científica” das universidades brasileiras: os trabalhos são publicados em revistas acadêmicas só para formar currículo para o distinto autor e não exercem influência alguma no desenvolvimento desta ciência ou daquele setor de investigação, porque ninguém lê aquilo. Nós sabemos que o número de consultas à bibliografia “científica” produzida no Brasil é mínimo, ninguém está ligando para o que eles estão falando. Claro que há exceções, pode haver um ou outro trabalho aqui que chame a atenção, mas em geral a produção

dita científica da universidade brasileira tem finalidade apenas escolar, que é imanente, afeta apenas aquilo que se passa dentro da escola e o aproveitamento de cada aluno.

A escola, nesse sentido, é um ambiente protegido, separado do mundo, onde aplica-se rigorosamente o mais belo privilégio da adolescência, que é o direito de tudo experimentar sem precisar arcar com responsabilidade alguma. É evidente que esse tipo de ambiente só serve para a finalidade da própria escola, que é, no fim do curso, autorizar o sujeito ou a um exercício profissional ou a avançar à etapa seguinte do ensinamento; é só isso: você vai de etapa em etapa, e, no final, ganha lá uma licença de exercício profissional, que é quando, aí sim, começa a sua vida séria. A partir da hora que recebe um diploma, uma autorização para o exercício profissional, você passa a ser legalmente e socialmente responsável pelo o que está fazendo. Até então nada é sério.

Ora, quem é que não sabe que o sujeito que sai da universidade com um diploma do que quer que seja não sabe nada a respeito de sua profissão? Na profissão médica [00:10] isso já foi reconhecido oficialmente, décadas atrás, quando inventaram os estágios nos hospitais. O sujeito sai dali com o seu diplominha de medicina, mas se ele não fizer um estágio no hospital, na prática, ele não vai aprender coisa nenhuma. Essa transição da situação escolar para a situação do mundo real existe no ensino médico há muitas décadas. No ensino da advocacia existe, não tão oficialmente, com esses estágios nos escritórios etc., mas no caso da profissão médica esse estágio é absolutamente obrigatório – em outras profissões é mais facultativo.

Mas o fato mesmo de que tenha de existir essa transição mostra que a autorização do exercício profissional conferido pela escola não é uma coisa séria e definitiva, ainda fica faltando alguma coisa: esse aprendizado que se dá na prática e na convivência com um profissional mais experiente é que vai ser a coisa decisiva. Imagino, por exemplo, que o sujeito que tenha um diploma de Direito mas não a prática de freqüentar os tribunais, de conversar com funcionário de cartório etc., não vai conseguir fazer nada. Portanto essa parte mais sutil e menos formalizada do ensino é justamente o que interessa. Isso quer dizer que se fôssemos imitar uma escola, precisaríamos de uma segunda etapa de aprendizado que se daria no confronto com o mundo real.

Ora, não temos aqui uma escola no sentido arquitetônico da coisa, vocês não estão dentro de um edifício, aprendendo; estão soltos, cada um num lugar do Brasil, vivendo as suas vidas; não estão em absoluto protegidos da vida real. Esta aqui não é uma situação escolar; *objetivamente*, já não é uma situação escolar. Ademais, uma boa parte do que têm a aprender no curso, vocês assimilam não aqui, mas no confronto com a sociedade humana na qual estão. Vocês lêem jornais, assistem à televisão (espero que não assistam muito), acompanham mais ou menos o movimento editorial no país, ficam sabendo o que acontece. E esse é o material que vou ajudá-los a processar, estou sempre me referindo ao que está acontecendo na sociedade em torno.

Assim, longe de criar uma situação protegida, vocês estão expostos à sociedade, e é aí mesmo que se dará o aprendizado. Portanto esse ensino tem de ser o menos escolar possível, e o mais “existencial” possível. Isso significa que não pode haver entre professor e aluno aquela relação disciplinar que existe numa escola, onde o aproveitamento do aluno é julgado, graduado, pelo professor. Isso realmente não é possível e não é conveniente aqui. Qualquer tentativa de colocar num ensino desses um elemento disciplinar falsearia completamente a situação.

A disciplina escolar serve para ensinar ao aluno como ele deve se comportar dentro da escola, não no mundo em geral – o aprendizado do mundo vem depois quando acaba a adolescência e você sai para a vida –; desde o início eu quis evitar que isso acontecesse aqui. É claro que, na alma de cada um, existe uma espécie de reflexo escolar, a pessoa está acostumada com a situação escolar e de certo modo ela a repete aqui, então pode criar algumas expectativas que depois na prática não se cumprem.

Há aqui também a idéia de abrir portas: eu lhes mostro a possibilidade de um certo de estudo, de um certo tipo de investigação ou de um certo tipo de prática e deixo que façam com isso o que quiserem; eu não terei meio algum de controlar o aproveitamento que vocês estão obtendo. As breves indicações de aproveitamento que obtenho são a partir de indícios reais: das coisas que as pessoas me escrevem, das próprias perguntas que fazem, da conduta que eu observo de um ou outro aluno, e essas coisas dão-me uma vaga idéia.

O que notei ao longo dos meus estudos a esse respeito foi que em todas as épocas em que houve um florescimento cultural notável, isso jamais se deu por meio do ensino formal, sim através do contato pessoal de uma geração com a outra, como aconteceu no caso de Sócrates, por exemplo. Veio depois o ensino formal, quando Aristóteles criou o Liceu e formalizou o ensino e também com o próprio Platão na Academia. Mas a Academia platônica forneceu algum resultado maior ou melhor do que o próprio Platão, do que o seu próprio fundador? Não. A carreira da Academia foi declinante, a carreira do Liceu aristotélico também: na hora em que formalizou o ensino, Platão já tinha perdido o seu impulso criativo, que viera inteirinho de Sócrates.

O exemplo da universidade medieval parece contradizer o que estou dizendo, porque era um ensino altamente formalizado, disciplinar; porém o que se observa é que o impulso criativo inicial também foi se perdendo à medida em que o ensino se formalizou – a partir da própria criação da profissão universitária como se conhece, que podemos datar dos estatutos da Universidade de Paris feitos por Roberto de Courçon, em 1215, que criam a figura do professor, formalizam as obrigações dos alunos etc.

O que sobrou da Escolástica hoje em dia? O que é importante para nós? O que se incorporou no patrimônio da grande filosofia universal? Foi praticamente a obra de umas poucas pessoas, como Sto. Tomás de Aquino, Duns Scot, S. Boaventura, o próprio Pedro Abelardo, Guilherme de Ockham etc. Mas em nenhum desses casos vê-se uma pessoa inteiramente adaptada à situação de professor universitário, principalmente porque os verdadeiramente grandes, como Sto. Tomás, Duns Scot, S. Boaventura, eram todos monges, e o monge vinha de uma outra formação, uma formação extra-universitária; eram, por assim dizer, estranhos no ninho, tanto que a carreira deles foi uma série de conflitos com o meio universitário. As universidades eram dominadas eminentemente pelo clero secular, que detestava a presença dos monges ali. Assim, tudo o que a universidade medieval produziu de melhor foi graças a certos gênios individuais cuja mentalidade não foi formada pela universidade, mas veio de fora, veio das ordens monásticas.

Inclusive, se compararem o ambiente universitário então dominante com a vida e a conduta desses pensadores maiores, vocês verão essa conduta, a própria pessoa deles, contrasta com o meio universitário, que era sobrecarregado de carreirismo, invejas, intrigas etc. e formava às vezes entre os estudantes uma mentalidade de uma arrogância fora do comum. A comunidade estudantil era muito grande e ocupava um lugar enorme nas cidades, os estudantes eram conhecidos como arruaceiros, beberrões, briguentos etc., e era uma comunidade muito ciumenta, muito ciosa da sua superioridade e

dos seus direitos etc., que freqüentemente se impunha de algum modo à autoridade civil pela força física.

E já naquela época observa-se uma espécie de guerra assimétrica em que os estudantes tinham, por assim dizer, o “direito” de fazer arruaça, de bater nas pessoas, agredir etc., mas ninguém queria fazer uma violência contra eles, primeiro, porque eram hóspedes da cidade – na maior parte eles eram estrangeiros –, em segundo lugar, porque a própria sociedade havia se cotizado, juntado dinheiro para pagar pelos estudos deles, que então eram como meninos mimados da sociedade. É como o caso de um filho ingrato que bate na mãe: ela não vai chamar a polícia para prender o filho. Essa mentalidade corrupta na raiz existe desde a fundação da universidade. Eu acho que não houve uma única universidade do mundo que não fosse afetada por isso.

Agora me respondam: vocês conhecem alguma grande criação do espírito humano que tenha nascido da agitação [00:20] estudantil? É claro que não. Essa agitação, por sua vez, não é algo que se opõe ao espírito universitário: ela faz parte da coisa, porque na medida em que a universidade é uma via de acesso a certas profissões, portanto a certas posições sociais, é um meio de ascensão social, e o indivíduo que está lá sabe disso, sabe que está sendo treinado para ser uma pessoa importante, então já é importante desde aquele momento.

Imaginem, por exemplo, nos séculos XII-XIII, quando a maior parte da população era analfabeta e iletrada, o que significava ser um dos poucos letrados. Naquela época o acesso ao ensino era uma coisa tão difícil que bastava que o sujeito soubesse ler e escrever para que já fosse considerado um membro virtual do clero, já tivesse uma autoridade sacerdotal, não oficialmente, perante a Igreja, mas perante a população. Uma tal situação convida os indivíduos a uma atitude de auto-afirmação e de arrogância, algo que é constitutivo da universidade desde o começo.

Um outro momento de grande criatividade foi o período do Romantismo alemão, em que tivemos Kant, Hegel, Schelling etc. Porém, o que aconteceu então foi exatamente o contrário do que eu disse até aqui: a universidade alemã caracterizava-se por uma imensa flexibilidade, tudo era possível, podiam-se até inventar novas disciplinas e tudo dependia de os alunos aceitarem aquilo ou não. Por exemplo, os cursos do Schelling sobre a filosofia da mitologia: ele dizia claramente que cursos como aqueles só eram possíveis na universidade alemã, onde tinham a liberdade de fazer o que queriam e, se os alunos quisessem ouvir, eles pagavam para ouvir e pronto; não havia um programa, uma exigência disciplinar pronta de antemão, uma grade que tinha de ser seguida. Assim, podemos dizer que a convivência informal entre professor e alunos, e entre os próprios professores, foi o elemento decisivo, não a organização regulamentar e burocrática da universidade. O próprio curso da filosofia da mitologia supracitado e o curso de Hegel, “lições da história da filosofia universal”, eram livres: não havia lições para fazer, o aluno simplesmente sentava lá e ouvia – ou seja, cursos de conferências, exatamente como este aqui.

Estudando esses casos, vi que, se o objetivo do curso não é fornecer uma licença profissional, mas simplesmente fortalecer a inteligência, capacitar as pessoas para o exercício de tarefas de intelectuais de mais alto porte, então não podemos usar a estrutura disciplinar de uma escola comum. Temos de imitar na máxima medida possível esta convivência livre entre professores e alunos que houve na universidade alemã ou outros exemplos de círculos dessa natureza que apareceram ao longo dos tempos, como o de Stefan George, o do pessoal que se reunia na casa de Max Weber e outros similares que houve em Viena.

E em todos aqueles casos nós observamos que onde uma espécie de hierarquia natural, baseada no simples respeito, admiração etc., foi substituída por uma regulamentação, logo apareceram as dissidências, as brigas e às vezes o esgotamento intelectual de tais iniciativas, como ocorreu, por exemplo, dentro da escola psicanalítica: estava indo tudo muito bem até a hora em que regulamentaram.

O que a psicanálise freudiana *stricto sensu* produziu de notável depois do próprio Freud? Nada. Tudo o que saiu de interessante da psicanálise veio de dissidentes; claro que a obra do próprio Freud é muito importante, mas depois o resto foi feito por dissidentes: Wilhelm Reich, Jung, Adler e assim por diante. Isso quer dizer que a psicanálise floresceu não graças à sua regulamentação e disciplina, mas, ao contrário, graças à indisciplina e a rebelião dos outros. E é evidente que se a coisa se dá assim, então seu próprio fundador, por querer controlar demais, perde todo o controle da situação.

Em outras palavras, como é que Dr. Freud poderia, por exemplo, parar o Carl Jung ou o Alfred Adler? Não podia de jeito nenhum, porque eles não eram mais membros da sociedade psicanalítica, então faziam o que queriam. A única maneira de manter um certo controle sobre o conjunto é um controle sutil e não disciplinar; não é nem bem um controle: pode-se até exercer uma liderança, não um controle. Uma liderança baseada na inspiração que está dando aos seus alunos e ouvintes, e só; não há um controle disciplinar.

Há outros casos notáveis. Se vocês estudarem, por exemplo, a história da Ordem Jesuítica, descobrirão a *ratio studiorum*, aquele método de estudo dos jesuítas; aquilo tudo é uma maravilha, é lindo etc., só que a Ordem Jesuítica produziu mais inimigos do que seguidores. Adam Weishaupt, o fundador dos Illuminati, aprendeu tudo com os jesuítas. E, no século XX, a Ordem Jesuítica inteira se bandeou para o lado do comunismo — ou seja, uma ordem inteira que traiu a Igreja. Será que a *ratio studiorum* não tem nada a ver com isso? É claro que tem, porque no momento em que se regula, impõe-se um poder, e não se pode impor um poder e passar inspiração ao mesmo tempo. Não dá para fazer as duas coisas ao mesmo tempo, do mesmo modo que não se pode conquistar o amor de uma senhorita e forçá-la a ir para cama com você ao mesmo tempo; será preciso escolher: ou vai pelo carinho ou pela porrada, não há uma maneira de combinar essas duas coisas.

Essa escolha foi feita aqui desde o início, e eu não sei se todos compreenderam. Às vezes pode haver a expectativa de que devesse haver uma disciplina maior, uma coisa assim, ou devesse haver pelo menos uma continuidade mais programática nos estudos. Mas se houvesse uma continuidade programática, isto não se chamaria seminário: a idéia do seminário é justamente continuar passando novas inspirações, novos estímulos e deixar o resto por sua conta. Até agora tem funcionado muito bem. Como nós não temos uma hierarquia, também não temos dissidentes. É tudo uma espécie confusão luminosa. Vemos claramente a inteligência dos alunos se fortalecendo, florescendo, crescendo. Eu não sei o que vocês vão fazer com o que vocês aprenderam aqui, mas, como não os mandei fazer nada especificamente, o que quer que vocês inventem de fazer estará de algum modo coerente com o que queremos aqui. Isto aqui também, esta orientação, deve ter algum efeito mais tarde para além do nosso círculo.

Já vemos alguma coisa disso no que alguns alunos escrevem, produzem etc. Já se vê que esse elemento de sinceridade profunda, que eu sempre tentei passar aqui por todos os meios, já pegou: todo mundo já sabe que um homem de mentira não tem acesso à verdade, todo mundo já sabe que os seus conflitos

interiores são a matéria-prima do negócio, eles são o motor que move tudo, então não adianta tentar criar uma figura totalmente coerente para apresentar ao distinto público, porque quanto mais coerente em aparência for a sua figura, mais as suas dificuldades aparecerão, então melhor é confessar a dificuldade desde o início: é, quando não sabe, dizer “não sei”; quando confuso, dizer “estou numa confusão desgraçada, não estou entendendo coisa nenhuma”.

As relações entre a sua vida intelectual e a sua conduta moral serão sempre dificultosas e ambíguas, sempre, não há solução para isso. [00:30] O que significa que também deve ser extirpada desde logo a idéia de que estou querendo criar uma intelectualidade conservadora ou direitista. É claro que, como eu tenho algumas idéias que coincidem às vezes com o programa conservador, pode parecer conservador, mas eu não estou interessado nisso.

No Brasil, existe uma confusão miserável entre duas coisas. Uma coisa é a sua opinião pessoal, preferência pessoal ou a sua afeição pessoal a certos valores, símbolos e idéias; outra é a sua participação num grupo ativista e a sua solidariedade a um grupo ativista. No Brasil, aqueles que são membros de grupos ativistas fazem questão de *fingir* que a mera opinião pessoal de um sujeito, quando ele é a favor de algo, faz dele um ativista em favor daquilo. Ora, opinião pessoal você tem o direito de mudar a qualquer momento, mas não o ativista: ele tem um compromisso permanente. Aqui, por exemplo, eu estou livre disso. Esta semana mesmo, por exemplo, eu estava escrevendo um artigo a respeito da direita brasileira¹, a respeito de que posso dizer o que eu quiser: não sou obrigado a apoiá-la, posso fazê-lo numa coisa e criticá-la sobre outro aspecto, eu estou livre para isso.

Por exemplo, uma coisa importante no Brasil para definir politicamente as pessoas é ver como elas concebem o regime militar. Bom, estou livre para enxergar ali todas as ambigüidades e dificuldades possíveis, mas um ativista não pode fazer isso, ele tem de aceitar em bloco ou rejeitar em bloco, não tem outra escolha, porque isso é importante para a imagem coerente que ele quer transmitir, ao passo em que eu não quero transmitir imagem coerente alguma: estou expressando os vários lados das coisas conforme as vejo e nem sempre sei coerir uma com a outra. Eu gostaria de ser uniformemente coerente, mas às vezes não é possível. Não é que eu seja incoerente, sim que a situação mesma, o fato mesmo contém contradições em si, ele não é unívoco, então o máximo que podemos fazer é elaborar e expressar a contradição.

Até hoje eu estou me perguntando por que os militares que subiram ao poder, em tese para extirpar o comunismo da sociedade brasileira, e acabaram abrindo caminho para volta triunfal do comunismo. Por que fizeram isso? Foi burrice? Houve uma infiltração? Houve uma ambigüidade? Eu não sei. Não sei, e digo mais: não posso resolver esse problema porque isso só pode ser resolvido pela meticulosa reconstituição histórica do que aconteceu, coisa que não tenho a menor condição de fazer, pelo menos não à distância, e se fosse fazer, eu precisaria de uns três ou quatro anos de pesquisa só sobre esse assunto: ficar lá revirando documentos, lendo todos os livros da época, entrevistando milico aposentado – não tenho tempo para fazer isso. É um belo trabalho para fazer; aqueles que se interessarem, anotem.

Eu vivo dando sugestões de temas: tal coisa deveria ser estudada e não foi; tal outra deveria ser estudada. Eu não quero e não posso pegar um aluno e dizer: “aqui está, você vai ter de estudar isso”. O meu irmão tinha um chefe alemão que era um sujeito meio nazista e que punha os funcionários em fileira, dava uma bronca e falava assim: “Agora você fala, agora você fica quieto”. Eu não posso fazer

1. NR: Trata-se provavelmente de “[O óbvio esotérico](#)”, publicado no *Diário do Comércio* em 31 de outubro de 2012.

isso com vocês: “você vai ter de estudar isso, você vai ter de estudar aquilo”. Eu não posso fazer isso. Mas dou essas sugestões e espero que elas funcionem realmente como sementes, que frutifiquem que alguém diga: “Opa! Isso aí é importante, e eu quero resolver esse problema, eu quero descobrir isso”.

O que aconteceu realmente com o perfil ideológico dos militares que governaram durante vinte anos? Nós sabemos, por exemplo, que quando chegou o tempo do general Geisel, ele ajudou Cuba a invadir a Angola e matar muita gente ali. Ele rompeu o acordo nuclear com os EUA e fez um acordo desastroso com a Alemanha; talvez ele quisesse bancar o general De Gaulle, que é para os americanos que “quem mandava nele era ele”; pode ser que ele tivesse alguma influência esquerdista na orelha; uma vez ele mesmo disse: “Eu não sou infenso às idéias esquerdistas”. Eu não sei o quanto essa frase significa. Vejam que enigma! Qual é o coeficiente de esquerdismo na composição ideológica e estratégica do governo Geisel? Eu me lembro, por exemplo, que o Glauber Rocha, que era um intelectual importante da esquerda, escreveu vários artigos apoiando o governo Geisel e dizendo que ele era a única esperança da esquerda. Esse problema está esclarecido? Nada, é só enigma. Eu não sei a solução disso, eu não sei o que aconteceu realmente. Só o que eu posso fazer é pegar os dados que eu tenho e dizer: até agora, o problema está montado assim.

Agora, se eu fosse um ativista (e note bem que muitos dos nossos militares eu considero ativistas, porque são os guardiões da boa imagem das Forças Armadas), então eu teria de ter uma posição em bloco: o governo militar seria inteirinho a execrável direita autoritária ou a maravilhosa direita autoritária. Curiosamente, alguns ativistas de esquerda se referiram a mim como ideólogo da direita. Mas como pode haver um ideólogo sem que haja um movimento, um partido, uma coisa assim? Do que estão falando? É o velho truque de inverter a situação: o ativista dá a impressão de que é uma pessoa livre, que está apenas expressando a sua opinião pessoal, e toma o homem da opinião pessoal, carimbando-o como se fosse um ativista. Isso no Brasil é regra geral.

Se estivéssemos formando ativistas, teríamos de fornecer uma versão coerente sobre tudo, ainda que seja aquela coerência forçada que falsifica os fatos para poder manter a integridade do discurso. Mas não posso pretender despertar a inteligência das pessoas fazendo isso com elas, proibindo-as desde o início de entender. Já comparei o tipo de controle que eu posso exercer à figura do sujeito que pinta o céu com aquarela: se fosse pintar com tinta óleo ou com guache, seria preciso dar fortes pinceladas; na aquarela, contudo, passa-se água no papel, jogam-se duas gotas de tinta azul e fica-se virando o papel para cima e para baixo para ver se dá um efeito de nuvem. Às vezes dá, às vezes não dá. É um controle muito sutil que se exerce, e muito sujeito a falhas. Se bem que as falhas às vezes não são falhas, mas parte da confusão luminosa que desejamos criar.

Essa foi a estratégia adotada. Até agora vem dando certo, mas em breve passaremos a uma outra etapa, que é aquela em que eu vou pedir para os alunos redigirem trabalhos sobre temas que lhes interessam. Esses trabalhos precisarão de pelo menos um ano de pesquisa nas costas, senão não vai funcionar. Eu gostaria que muitos desses trabalhos atendessem a temas eu sugeri, mas não todos, evidentemente, porque você pode ter uma outra idéia em que eu não tinha pensado. O critério para a seleção do tema é muito simples: articular o seu interesse pessoal profundo por alguma coisa com a necessidade pública e histórica de que aquilo seja elucidado. É só quando a sua vida interior, a mais pessoal possível, começa a ter algo a ver com a vida da história em torno, da sociedade em torno, que você terá adentrado a vida intelectual; fora disso, não.

Uma vez dei aos alunos uma gradação dos círculos de existência que o ser humano vai penetrando. Quando nasce, você adentra o que chamamos de vida física: tem um organismo, ele funciona, e durante bastante tempo a manutenção e crescimento do seu corpo e do seu organismo (não apenas físico, mas *psicofísico*) será o centro das atenções, ou seja, nada do que faça tem então importância pelos efeitos que desencadeia nos outros, mas só pelo que desencadeia [00:40] em si mesmo; depois chega um momento em que você adentra o que chamamos de vida civil, onde você já não é mais apenas um organismo psicofísico, mas terá então um papel determinado na sociedade: por exemplo, quando entra para a escola, você não é mais só o fulaninho ou a fulaninha, é o aluno dessa escola, onde existem obrigações regulamentares, algumas formais, outras informais, que você terá de cumprir.

Às vezes as obrigações informais são mais importantes. Por exemplo, quando num novo meio social em que, ao contrário da convivência com seus pais, não há nenhum preconceito a seu favor, onde você é apenas mais um, onde ninguém está ansioso para recebê-lo de braços abertos, e você vai ter de criar ali uma rede de relações na qual seja aprovado, aceito etc. ou pelo menos possa respirar. Essas obrigações são mais difíceis de cumprir que as regulamentares, que são as que a própria escola impõe – você tem de estar ali a tantas horas, você tem de assistir à aula tantas horas por dia, fazer as provas etc. e se comportar desta ou daquela maneira –; ou seja, as obrigações explícitas vêm da escola, das autoridades da escola.

Mas as obrigações implícitas são impostas pela comunidade dos alunos, são leis não-escritas que você terá de descobrir. Algumas pessoas falham nisso, elas não têm o órgão sensitivo suficiente para perceber o que os outros esperam dela, o que os outros estão sentindo, quais são as reações que as suas ações provocam, ou seja, não conseguem captar o código de sinais não-verbais da sociedade, ou por uma deficiência cerebral que tenham, ou por algum outro motivo qualquer; assim, quando saem da vida natural para a vida civil, tropeçam.

Vocês conhecem algum meio onde não haja pessoas desajustadas ou mal ajustadas, aquelas de quem ninguém gosta ou que não conseguem conviver com ninguém, que são violentas ou que são mortalmente tímidas e não conseguem abrir a boca? O professor manda-o à frente para recitar “batatinha quando nasce” e o sujeito tem uma crise de tremor, desmaia, precisa chamar o médico, tem queda de pressão... Não acontece isso? E por que isso? Porque o indivíduo não conseguiu absorver direito os códigos não-escritos. Outros, ao contrário, mostram desde o início uma desenvoltura excepcional em certos meios, mas se você tirá-lo desse meio e colocar num outro, ele vai se dar mal.

Esses códigos não-escritos são diferentes: há um código na família, há um na rua, há um na escola, há um no clube, há um na igreja. Em cada lugar onde se vai há um novo problema de adaptação e ajustamento ao meio. Isso é simplesmente a vida civil. Quem passar direitinho por ela começa a entender algo da sociedade como um todo, e já não se interessa por aquilo que o afeta diretamente e pessoalmente, mas pelas forças que agem na sociedade como um todo e que, indiretamente e a mais longo prazo, acabam determinado o destino de todos.

E aí já surge um problema, porque é difícil saber quais as forças e quais as ações que vão desencadear efeitos de longo prazo e quais aquelas que vão ser abortadas, aquelas que não vão dar em nada – nós dificilmente conseguimos prever isso com clareza –; ou seja, quais são os temas verdadeiramente importantes da vida comum não de uma família, não de uma escola, não de um bairro, mas de uma nação e às vezes da humanidade inteira. No momento em que você consegue interessar-se por isso, você adentra um terceiro círculo, que se chama de vida política.

Isto quer dizer que a tal da “cidadania” tem duas etapas: a primeira é a vida civil propriamente dita, e a segunda é a vida política. A idéia de preparar o cidadão para a vida política – por exemplo, criar o eleitor consciente etc. –, muita gente já gastou muito papel com isso, mas se há uma coisa que é utópica é o eleitor consciente. Vejam, poucas pessoas estudam a vida política mais do que eu, e não posso jurar que sou um eleitor consciente. Você tenta votar da maneira “menos pior” que lhe pareça no momento, mas o controle que exerce na situação é mínimo, além de que o seu voto é apenas mais um. Mas além do voto, você tem outros meios de ação: pode falar para as pessoas, pode escrever, fazer um programa de rádio etc. Existem muitos meios de ação. Você pode participar de um sindicato, de uma igreja, de um clube. Há muitos meios de atuação que já transcendem o seu círculo pessoal e pretendem desencadear efeitos de maior envergadura na sociedade inteira.

Então podemos fazer a seguinte pergunta (cada um pense por si): “eu já saí da esfera da pura vida civil e estou na vida política, ou ainda não?” Quando penetrar realmente na vida política, você será um “cidadão consciente”; é nesse momento que os problemas da coletividade humana na qual você vive, da coletividade maior, começam a lhe doer mais do que os seus problemas pessoais e você já não tem tempo de pensar nesses. Suponhamos que você seja o presidente de uma empresa; não precisa ser uma empresa grande, mas você tem de ver as oscilações do mercado, o preço da matéria-prima, a legislação fiscal e trabalhista que existe e um monte de pressões que a sociedade aplica em cada empresa, isso é a sua vida. Se, por exemplo, a sua mulher é uma chata, quanto tempo por dia você vai poder pensar na chatice dela? Só uns minutinhos depois do jantar, porque durante o dia você estará preocupado com coisas infinitamente mais graves. Isso significa que a posição da sua empresa no conjunto da sociedade requer de você um certo conhecimento desse conjunto e uma série de decisões que já não são de ordem puramente civil: você não está atendendo apenas ao seu interesse, mas é antes o representante de todos os seus empregados; se a sua firma for para o brejo, eles todos vão para o brejo juntos, você vai ter de defendê-los de alguma maneira. E defendê-los perante o quê? Perante todas as forças que se agitam no oceano da sociedade em torno e que podem não lhe ser muito favoráveis. Às vezes há uma mudança de uma legislação num país da Europa ou da África que pode afetar o seu negócio. Sem contar que você cria os planos para a sua empresa, mas muito acima de você existem forças globais que procuram influenciar o rumo da economia mundial. Ou seja, como diretor ou presidente de uma empresa você já está colocado numa fronteira entre a vida civil e a vida política. Claro que se for um negócio muito pequeno, você pode ter a ilusão de poder dirigir aquilo tendo em conta apenas a rede dos interesses imediatos, seus, dos seus empregados, clientes e fornecedores. Mas logo, logo, você vê que a coisa não funciona assim. Por exemplo, estava indo tudo bem, e de repente vem uma legislação fiscal que acaba com você. Daí você pensa: “Nós temos de fazer uma pressão no Congresso para mudar essa lei”. Não é assim? Então você se agrupa a outros empresários para defender interesses que já não são seus, mas são de uma classe ou de um grupo. Só quando você está preparado, apto a considerar que esses problemas da esfera maior, coletiva, são a sua vida muito mais do que os acontecimentos da sua vida pessoal, é que você terá realmente adentrado a vida política.

Mas acima disso há um quarto círculo que é o que nós chamamos de vida intelectual. A vida intelectual é quando você está consciente de que, para além da situação social, econômica e cultural presente, há uma retaguarda de milênios e que forças que vêm atuando agora na sociedade [00:50] podem ter provindo de raízes muito remotas, e que isso corresponde a uma visão do mundo, a certos esquemas mentais, a certos símbolos e valores que sem cuja compreensão, em sua profundidade tanto conceptual quanto histórica, você vai poder manejar a situação direito. É então que você começa a sondar as raízes cognitivas do que se passa na sociedade presente. Quando chega aí você vê, voltando ao exemplo que

dei da vida política, não do político profissional, mas de um simples diretor de empresas, que a maior parte desses não penetra nesse ponto: eles não sabem, e a maioria acredita que não é preciso saber.

Pior: a maioria tem uma visão da vida cultural modelada pela noção de cultura que está vigente no Brasil: artes e espetáculos, indústria cultural. É evidente, as artes e espetáculos, a indústria cultural, o *show business* e a universidade são meios de adquirir prestígio, de modo que o empresário, o presidente de empresa, pode tentar adquirir alguma leitura disto ou daquilo, algum conhecimento das artes e espetáculos apenas para defender a sua boa reputação ou para reforçar a sua auto-imagem. Aí você tem uma faixa imensa que é a da pseudo-vida intelectual, que é praticamente só o que existe no Brasil hoje. O que existe de vida intelectual no Brasil ou se resume à vida política, ou seja, são os indivíduos que estudam para defender as posições e os interesses do seu partido, do seu grupo ativista, ou é a cultura como adorno. Mas nada disso está centrado na realidade da sociedade como um todo, mas apenas nos interesses imediatos de certos grupos, pessoas e partidos. Isso quer dizer que a atividade intelectual exercida nesse nível inferior não é suficiente para esclarecer a sociedade o que está se passando com ela, mas ao contrário: na maior parte dos casos, como tem uma finalidade puramente subjetiva e imanente, serve para confundir.

Essa situação é como a de um sujeito a quem você vai pedir aconselhamento e que lhe dá um conselho que é conveniente não para você, mas para ele. Isso no Brasil é regra geral. O indivíduo não está interessado objetivamente no seu problema, ele está usando o seu problema para atender a uma necessidade pessoal. O que esse tipo de intelectual, ou partidário, ou diletante está fazendo é isto: ele procura falar do conjunto da sociedade, e até falar do conjunto da sociedade dentro de um contexto histórico-cultural maior, mas visando não à situação objetiva e às suas verdadeiras raízes, mas ao interesse dele, que é o interesse de reforçar o próprio partido, o próprio grupo, ou de ter uma boa auto-imagem. E esses conselhos só fazem mal. Notem bem, eu leio muitas seções de opinião dos jornais e revistas do Brasil. Em geral as opiniões são assim, são todas assim. Dificilmente você vê alguém que está rachando a cabeça para descobrir alguma coisa real e dizer algo que seja útil à sociedade. Então é o mesmo que dizer que no Brasil não há mais vida intelectual: ela sumiu. Existem simulacros, existem profissões intelectuais, existem seções culturais nos jornais e nas revistas etc., existem até programas culturais. Até o doutor Paulo Ghiraldelli não faz um programa de filosofia? Então vocês têm todo esse simulacro.

O supra-sumo da subjetividade interesseira aparece no instante em que surge uma corrente política e intelectual baseada num treco que eles chamam preferência sexual. Você quer algo mais subjetivo do que isso? Pergunte a si mesmo: “o que me causa uma ereção?” Existe algum negócio mais individualista e subjetivo do que isso? Certamente a sua ereção interessa a você e à outra pessoa com quem talvez você vai exercer alguma atividade sexual. E o resto da humanidade? Ninguém ganha nada com isso. Portanto, esse é o supra-sumo do interesse subjetivista, e hoje você tem corrente política e intelectual inteiramente baseada nisso. Outro dia me trouxeram um currículo de um sujeito que é um teólogo gayzista. Pode haver um teólogo gayzista, mas quando você vai ver a carreira do cara inteira, o sujeito só se interessa por assuntos gayzistas.

Imagine o que seria da minha pessoa, o que eu seria aos meus próprios olhos, se tudo o eu escrevesse, tudo o que eu pensasse, tudo o que eu estudo estivesse vinculado ao meu desejo sexual? Eu seria, evidentemente, um tarado, um louco. O que significa que todo o gayzista é louco nesse sentido, é um anormal. O sujeito pode ser homossexual e normal? Pode, desde que ele seja homossexual na sua conduta sexual e seja uma pessoa como as outras em tudo o mais. Ele não vai criar uma biologia

homossexual, uma sociologia homossexual, uma filosofia homossexual, uma economia homossexual. Na hora que ele começa a fazer assim, é porque enlouqueceu. E, no entanto, isso é aceito como normal.

E, pior, as pessoas confundem as duas coisas: o que é a conduta homossexual e o que é a concepção do mundo: é a cosmovisão homossexual. A minha cosmovisão é heterossexual, homossexual, bissexual, tetrasssexual? Ela não é sexual de maneira alguma. Eu pretendo ter uma cosmovisão que não seria alterada por nada da minha vida sexual. Vocês conhecem, por exemplo, a história de Pedro Abelardo, que foi capado. Ele mudou de filosofia depois de ser capado? Não. Então pensem assim os homens: se cortassem todas as nossas bolas, isto deveria fazer alguma diferença, no aspecto filosófico ou sociológico ou científico? Claro que não! Isto quer dizer que você tem de saber que a sua vida intelectual está infinitamente acima dos seus interesses eróticos ou gastronômicos ou até financeiros. Se você não sabe disso, você está preso dentro de um egoísmo subjetivo.

Não é só o egoísmo moral, é o egoísmo cognitivo que faz com que o indivíduo gire em torno das suas necessidades, ou seja, ele é um idiota no sentido etimológico do termo *idiotes*, que significa “o mesmo”: só pensa no mesmo. Isso quer dizer que coisas como gayzismo, feminismo ou negritude etc. A negritude é um pouco mais coletiva, mas ainda assim: o sujeito determinar toda a sua vida intelectual pelo fato de que biologicamente ele pertence a um grupo racial é coisa de maluco. Por que você não pode racialmente, biologicamente pertencer a um grupo, e culturalmente pertencer a outro, como Pushkin, por exemplo, ou Machado de Assis? Ou seja, a sua atuação cultural não é determinada pela sua raça, a não ser que você o queira. Mas se você o quer, então você terá caído na idiotice, na mesmice. Quer dizer que você fica olhando no espelho e dizendo “a cor da minha pele tem de determinar tudo o que eu penso, tudo o que eu faço, tudo o que eu sei, tudo o que sinto etc.”. Então é uma mesmice muito mais coletiva do que a erótica, evidentemente, mas é mesmice do mesmo modo. Feminismo é a mesma coisa.

Em outros países, ou nos EUA, ou na Europa, a existência dessas correntes exerce um papel mais ou menos limitado. Por quê? Porque você tem correntes tradicionais milenares que já estão lá e que já consolidaram a sua posição. Você não pode apagar a cultura anterior de um país e substituí-la só por esse tipo de coisa. Mas no Brasil não há nada, é um espaço vazio. Assim, esse tipo de coisa, aliado ao diletantismo, às artes e espetáculos, ocupou todo o espaço. Isto significa que as pessoas não têm mais a mais mínima idéia do que seja a vida intelectual. [1:00] E elas não formarão uma idéia se não tiverem diante de delas um exemplo vivo do que é a coisa, e é essa é a função de vocês. Vida intelectual é o seguinte: tentar seriamente descobrir alguma coisa e contar para os outros, não para fortalecer esse partido ou aquele outro partido, mas simplesmente porque as coisas são assim, ou pelo menos são assim até o ponto que nós pudermos entender. Se outro puder fazer melhor que nós, que faça.

Tudo o que estou fazendo neste curso, desde o início, é para qualificar os alunos para fazerem isso. É por isso mesmo que eu digo que o teste, por exemplo, a escolha de um tema de investigação, é exatamente a coincidência da sua paixão pessoal pelo assunto com uma espécie de clamor histórico, clamor social por um esclarecimento a respeito. Então há pessoas que podem, por exemplo, gostar muito de um escritor do século XVIII, ser loucas pelo cara, por toda a obra dele etc.; mas há alguém pedindo, pelo amor de Deus, por esclarecimento sobre isso? A falta de esclarecimento sobre a obra dele está prejudicando a sociedade brasileira ou a humanidade? É uma coisa grave ou apenas um diletantismo seu?

Há outras coisas que você reconhece que são importantes, das quais sente a importância, mas que não exercem apelo sobre você, ou seja, não repercutem em você como se fosse o sentido da vida, na acepção que o Viktor Frankl dá ao termo, ou seja, algo que só você pode fazer e ninguém mais pode fazer no seu lugar. A própria decisão de realizar este curso foi tomada em vista disso: há certas coisas que sei que posso fazer, que tenho jeito para fazer e que é urgente que alguém faça. É urgente para mim? Para mim, não é urgente de maneira alguma, é urgente para a sociedade brasileira. Por quê? Em vista dessa situação que eu acabo de lhes descrever.

Idealmente, o que vocês devem estudar são coisas desse tipo, com o cuidado de não caírem em temas que muito especializados profissionalmente, porque é interessante dedicar-se a eles quando há uma situação cultural normal, quando há espaço para que dentro de certos grupos sejam estudadas questões muito especializadas, muito relativas àquele grupo, problemas intelectuais daquele grupo ou daquela profissão.

Nós temos de cuidar de coisas mais urgentes. Eu creio que a coisa mais urgente no Brasil é a história recente do país, os últimos quarenta ou cinquenta anos de história que se passaram como se fossem uma longa noite (o título de um artigo que escrevi sobre isso no *Diário do Comércio*²): as coisas aconteceram, ninguém entendeu, ninguém contou direito, senão a partir de dois pontos de vista que são o interesse partidário ou o diletantismo.

Ninguém pensou que viria uma outra geração, que ela não saberia nada do que se passou, nem onde nasceu, e que por isso teríamos de fornecer-lhe uma retaguarda histórica — que é o que constitui uma identidade nacional e, portanto, a possibilidade de uma política que reflita os interesses reais do país e do povo. Fora disso, qualquer tentativa de falar do interesse do povo etc. é pura demagogia: quem o faz não está ligando para isso, talvez até ajude o povo um pouquinho mas o fundamental é ele mesmo.

Por exemplo, inventaram um treco chamado “Fome Zero”. Mas qual é a taxa de mortes por desnutrição no Brasil? É quase zero, portanto a fome já é zero. Agora não está falando comida; falta sapato, falta roupa, falta assistência médica, falta polícia, falta tudo, menos comida. O brasileiro é um sujeito que está bem alimentado. Nós víamos as mães sem-teto, no Rio de Janeiro, com aqueles bebês gordinhos, mas mal vestida, cheia de doença, exposta a balas perdida, sem segurança alguma, morando num casebre miserável. Está faltando tudo, então por que essa história de fome? A fome é um símbolo.

Por que não fizeram, por exemplo, uma campanha de “vamos vestir os brasileiros”? Quem olha para fotos das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro dos anos 50 vê que todo o mundo na rua andava elegantemente vestido: o pobre e o rico, todos; mas quem olha para uma foto recente vê o parece uma exposição de mendigos! Isso avilta o país, avilta o povo. Então vamos prover boas roupas para todo mundo a preço barato. As roupas, no Brasil, não são muito caras, mas aqui nos Estados Unidos elas são muito mais baratas. É um negócio absurdo. Qualquer pobre tem um guarda-roupa enorme, veste-se mal só porque quer. Mas é difícilmente ver gente mal vestida na rua. Quando vê, ou é porque é um drogado que já nem sabe mais o que está fazendo ou é um maluco.

A aparência física de um povo nas ruas: que raio de governo é esse que não zela por uma coisa dessas? Nós queremos ter um povo bem vestido, bonito, gente da qual possamos nos orgulhar. Ninguém pensa nisso, vai falar da fome. Ora, se comerem mais, eles vão morrer, meu Deus do céu! Já têm um

2. “Longa noite”, *Diário do Comércio*, 4 de junho de 2012.

problema de obesidade, a obesidade dos pobres no Brasil. Aqui então nem se fala, porque metade da população da Virgínia é constituída de pessoas esféricas. Você vê sobretudo famílias negras, entra um bola preta enorme, atrás uma bola menorzinha e três bolinhas, sentam no restaurante e comem até morrer. Como as pessoas podem estar preocupadas com a fome num país onde morrem cinquenta mil assassinados por ano? Todos de barriga cheia, evidentemente.

Vê-se aí a total insensibilidade para a hierarquia real dos problemas. As pessoas estão se ocupando com problemas que não existem, e os que existem estão aí à solta. Isto acontece porque se se perde o fio da meada do que aconteceu, dos acontecimentos históricos durante uma, duas, três, quatro décadas, já não há como julgar as coisas. Isso quer dizer que o debate público tornou-se uma conversa de hospício, onde só se vêem opiniões subjetivistas, correspondendo a interesses grupais, politicamente interesseiras, dificilmente encontrando-se algum diagnóstico correto do que quer que seja. Acompanhando os artigos de jornal eu não vejo na grande mídia praticamente ninguém interessado em diagnosticar o que seja; são só opiniões, “eu gosto disso, eu gosto daquilo”. Faz tempo que está assim. Claro que há exceções, mas é necessário que o debate público seja constituído de questões substantivas.

Eu não vejo a mesma coisa aqui nos Estados Unidos: as pessoas não discutem bobagem; em geral, o que elas discutem corresponde mais ou menos ao que está acontecendo. Por outro lado, no Brasil, compare a imensidão de artigos sobre economia, de debates sobre a economia, com a escassez de debates sobre o morticínio. Não é possível, a economia não está indo tão mal, por que vocês estão tão preocupados, se já estão até matando as pessoas na rua? Vocês estão trocando de problema. Ou seja, a hierarquia de interesses não corresponde à hierarquia de importância objetiva. E nós podemos fazer algo para corrigir isso na medida em que ocupemos um espaço na vida cultural com estudos sérios de fatos que estão realmente acontecendo.

Quando falo em estudos sérios, isso abrange até as obras de ficção – aliás, *em primeiríssimo lugar a obra de ficção*, porque às vezes você não tem os dados históricos e documentais de alguma coisa mas é capaz de imaginá-la; com que a história imaginária é o primeiro grau de investigação histórica. [1:10] Aquilo que não é capaz nem de imaginar, você não vai conhecer de maneira alguma, e o que vemos na literatura brasileira das últimas década é a completa ausência dos temas fundamentais.

Até os anos 50-60, a literatura brasileira reflete a realidade da sociedade, encontram-se ali todas as classes sociais, as situações típicas e arquetípicas, os temas fundamentais, os conflitos. De repente não aparece mais nada. Quer dizer que não há escritores de talento? Claro que há, mas a imaginação deles desconectou-se dos temas de interesse geral para a sociedade; uma coisa não tem mais nada a ver com a outra, então o escritor escreve sobre coisinhas que lhe interessam: as mulheres com quem transou, os problemas que ele teve com papai e mamãe, e não vai além disso. Resta uma literatura mesquinha, na melhor das hipóteses. Sem contar o problema da linguagem (de que não trataremos hoje).

Aluno: Antes de ingressar na vida intelectual com seriedade, é necessário percorrer essas etapas da vida social e política e esgotar todas as suas possibilidades? Essas etapas formam o sustentáculo da experiência que forma a vida intelectual autêntica?

Olavo: Sem dúvida. Mas você jamais irá esgotar as possibilidades, sempre terá de retornar a elas. Basta que fique doente para que seu círculo de interesse se estreite até retornar ao tamanho do seu corpo, e é necessário que isso aconteça para você não perder de vista a base física da existência e não pensar que é um anjo ou demônio. Do mesmo modo, não é porque você é um sujeito importante, um político ou

intelectual, que tem de deixar de cumprir as suas obrigações da vida civil, que na verdade têm de ser integradas às da vida intelectual e são sempre um foco de atenção ao qual você terá de retornar de novo e de novo, de preferência não permitindo que aquelas devorem essas novamente, sobretudo, não permitindo que aquelas determinem o curso total da sua existência, que é o que vários desses movimentos ideológicos tentam fazer: transformar problemas como o do sexo, da raça etc. em seu foco de atenção permanente, de certo modo transformando a todos em bichinhos.

Aluno: O senhor leu alguma coisa da obra de Elio Gaspari sobre o governo militar? E se sim, qual é a sua opinião sobre ela?

Olavo: Tudo o que o Elio Gaspari conta é importante, mas ele omite propositalmente muitas coisas que ele sabe perfeitamente bem. Gaspari é uma testemunha importante, mas não muito confiável, de maneira que, se você quiser conhecer o período, terá de ler o que ele escreveu. Mas, leia com algum recuo.

Aluno: Em relação ao estudo da ditadura, a maioria dos livros são tendenciosos para o lado comunista. O senhor pode informar a fonte básica para começar essa pesquisa?

Olavo: Você tem de ler o relato dos próprios militares. O livro do General Silvio Frota, *Ideais traídos*, é absolutamente fundamental. Também livro do próprio Coronel Brilhante Ustra. Você tem de ouvir o outro lado, mas não pode esquecer que ele também vem com mentalidade corporativa, quer dizer, é de certo modo uma defesa em bloco.

O exame sério da coisa não começou ainda, responder o que realmente aconteceu, mesmo porque a divisão faccional da coisa, o pró e contra, já falsifica na base o que aconteceu. Você não pode esquecer que, quando os militares tomaram a iniciativa, 31 de março de 1964, havia vários movimentos civis de direita prontos para entrar em ação a qualquer momento, inclusive ação armada, e a primeiríssima preocupação do governo foi desarmar essa gente, desarmar e dismantelar a direita: primeiro, a direita militante armada, e depois, até as lideranças de direita. Por que fizeram isso? Eu acho que por dois fatores: primeiro, a concepção tecnocrática segundo a qual um país deve ser administrado por uma elite de técnicos iluminados, neutralizando a confusão política, a discussão ideológica etc. – trata-se do não-ideológico; em segundo lugar, o corporativismo militar que vê o político civil com desconfiança. Esses dois fatores inseriram-se ali.

Mas eu digo isso na base genérica, não tenho os documentos aqui para prová-lo. Eu sei que aconteceu porque vivi na época, vi isso acontecendo; todas as fontes que eu tenho são meramente de memória. *O Exército na História do Brasil* é um livro que eu editei e cujos capítulos finais reescrevi completamente porque faltava muita coisa, inclusive esse mesmo detalhe dos grupos de direita armada. Essa obra, aliás, também seria uma fonte.

Outras fontes importantes são as publicações militares (jornais e revistas militares). É um oceano de conteúdo que não está publicado em livro, evidentemente, mas que você encontra se for até a Biblioteca do Clube Militar do Rio de Janeiro, na biblioteca das Academias – sobretudo, muitas entrevistas. Conversando com militares, eu aprendi muita, muita, muita coisa. Por exemplo, de esquerdistas que foram presos, que chegaram já apavorados, confessando tudo e depois saíram se queixando de tortura, eu conheço vários casos. Não posso citar nomes porque não tenho provas, e as pessoas que me contaram isso não estão presentes e não me autorizaram narrá-las. Mas há casos

meticulosamente descritos, dos quais sei tudo o que aconteceu, mas isso eu obtive no decorrer de uma conversa informal, não de uma entrevista para uma obra historiográfica. Se alguém algum dia quiser fazer uma pesquisa a sério, fale comigo e eu fornecerei uma série de nomes para entrevistar.

Aluno: Até hoje não fiz o exercício do necrológio, mas às vezes penso no assunto, e uma dúvida me ocorre. Como garantir que, ao julgar a minha vida desde uma perspectiva alheia, no caso de um amigo hipotético, eu não venha a ser impelido pela vaidade? Em mais de uma ocasião, o senhor (...)

Olavo: Esse problema da vaidade não tem o menor problema aqui, porque o que você vai fazer ali já é declaradamente uma imagem idealizada, de modo que um certo engrandecimento aparecerá necessariamente. Esse foi o pressuposto do exercício: você vai supor que essa pessoa, que é você mesmo, realizou o melhor do seu potencial, chegou a ser tudo quanto quer ser. Não é uma descrição objetiva, mas uma imagem propositadamente idealizada; então no que a vaidade pode atrapalhar? Ela só pode ajudar. Mas se já é um auto-engrandecimento, faça um que seja realista, isso é, segundo possibilidades nas quais você realmente acredita.

Quando eu era jovem, o que eu queria ser? Exatamente o que eu estou sendo, de maneira que meu necrológio está sendo realizado aqui. Agora, eu tinha a medida certa da minha capacidade: eu queria fazer o que eu estou fazendo e eu sabia que tinha capacidade para fazer. Mas se eu dissesse que seria papa, rei da Inglaterra, prêmio Nobel, opa!, aí, como diria Stanislaw Ponte Preta, teria entrado no perigoso terreno da galhofa. Portanto não caia na autogozação, faça uma projeção altamente otimista, mas baseada em capacidades que você sabe que possui, que ainda não estão desenvolvidas mas que possam razoavelmente ser desenvolvidas.

Aluno: (...) Até que ponto a auto-imagem traçada no necrológio não é uma auto-imagem que eu gostaria de ver confirmada por outra pessoa?

Olavo: Ela é isso mesmo. Você quer que ela se realize e, quando chegar no fim da sua vida, que as pessoas digam que você é exatamente isso. E se conseguir fazê-lo, você terá realizado [1:20] a grande vida, como a definia Alfred de Vigny: “um sonho de juventude realizado na idade madura”. Mas se pegar o sonho de juventude, jogar no lixo e partir para o Fernando Pessoa, “não sou nada, nunca serei nada, não posso querer ser nada”, então o que você estará fazendo aqui? Nós queremos ajudar você a se tornar alguma coisa.

O exercício deve ser realista no sentido de lidar com potenciais que você já sabe que possui, não com coisas totalmente imaginárias que poderá criar no futuro. Partindo dos seus potenciais, você imagina: “se eu realizar o que é possível dentro desse potencial, como é que vou ficar?” Eu, por exemplo, digo que realizei tudo o que queria, com a exceção de que gostaria de ter mais livros escritos: não deu tempo, espero que ainda dê: espero completar pelo menos mais uns dez, partindo do material do curso. Só falta isso para eu ser quem queria ser quando crescer. É algo realista. Ao mesmo tempo, é auto-imagem engrandecida, porém dentro de uma medida real.

Aluno: Um bom tema a ser desenvolvido seriam “as razões da degradação ética e moral dos brasileiros”.

Olavo: É exatamente esse o problema. Mas não é um tema, são vários temas, então isso precisará ser rastreado com muito cuidado; mas leia a literatura brasileira, tal qual era até a década de 60; agora

mesmo nós estávamos comentando sobre o Otávio de Faria: têm-se em sua obra todas as classes sociais do Rio de Janeiro e todas as escalas morais, desde o santo até o bandido; trata-se da sociedade carioca, como se fosse um modelo em miniatura da sociedade brasileira, da sociedade mundial, da humanidade; está tudo ali. Encontra-se a mesma coisa na obra de Marques Rebelo.

Note, a propósito, que o Otávio de Faria era um homossexual, daqueles doidos. Onde se encontraria hoje um homossexual capaz de se esquecer do seu probleminha para conseguir pensar nos de outras pessoas que são diferentes dele? O Otávio de Faria interessou-se por toda a humanidade, como se fosse ele mesmo. Hoje, graças à pressão ideológica, o sujeito tem de ficar preso aos seus interesses imediatos e aos do seu grupo. Então o que acontece é o que Silvio observou agora há pouco: tudo o que sobrou de literatura é atomístico, são pontinhos: é um sujeito pensando no seu próprio umbigo, de modo que personagem e narrador se confundem, e só aquele personagem é um ser vivo, os outros são todos figurantes. Trata-se de adolescência, de um negócio “umbigocêntrico”, de modo que não oferece uma imagem da realidade. O indivíduo de fato não se interessa por mais ninguém, a não ser ele mesmo; ele simplesmente não tem amor ao próximo, não sabe o que é o segundo mandamento; ele só se interessa por si próprio e por quem é igual a ele.

Eu estava recordando o romance do José Lins do Rêgo, *Cangaceiros* – um dos livros brasileiros de que mais gosto –, que é a história de um casalzinho de camponeses analfabetos, coitadinhos que estão no meio de uma guerra entre coronéis do sertão e cangaceiros, e não entendem o que está acontecendo, não sabem onde estão as tropas, de onde vêm os tiros, não sabem coisa alguma e só se ferram o tempo todo. Daí aparece um cego, que é um cantador que vai de cidade em cidade, ouvindo a vida das pessoas e fazendo música baseada nisso, de modo que tem na cabeça milhares de biografias e tem o fio da meada. É graças a ele que esse casal consegue ir embora dali, refugiar-se e salvar suas vidas. Essa é a epopéia da memória humana: a memória e o fio da meada são o caminho da sua proteção, da sua segurança e, no fim das contas, a origem da civilização. O José Lins do Rêgo nunca foi um camponês pobre; é verdade que ele nasceu analfabeto, mas não permaneceu por muito tempo. Ele também não era um cara depressivo; os personagens dele são muito tristes, mas ele era um homem alegre. Ele se interessava por pessoas muito diferentes dele e tinha amor por elas, participava do sofrimento delas, tinha compaixão.

Compaixão quer dizer sofrer junto. Hoje em dia o sujeito só sofre junto com ele mesmo ou com a sua própria patota politicamente definida, o seu grupo de interesses. Portanto, o grupo de interesse matou a literatura. Não é possível ter uma literatura se as pessoas não têm identificação com a humanidade.

Leia Balzac, observe a multidão de personagens completamente diferentes, uma sociedade inteira; o Balzac parece que sabe o que se passa dentro dessas pessoas. O que é isso? É o amor ao próximo. É o amor que leva você a desejar compreender as pessoas.

Essa estreiteza intelectual que se tem, essa estreiteza de imaginação é maldade, é egoísmo.

Aluno: Qual é a condição dos alunos que entraram depois e estão fazendo o curso em outro ritmo? Por exemplo, eu ainda estou na aula 36 e fiz em ritmo acelerado – fiz em cinco meses o que levaria nove. Isso pode ser um problema para receber todo o benefício do curso?

Olavo: Não, o curso foi calculado para que isso acontecesse. Não há pressa, meu filho. Você vai fazendo as aulas antigas e assiste as de agora, mas não ligue muito para essas, que apenas lhe dão uma noção do que fará daqui a algum tempo, não agora; preocupe-se no momento com aquelas.

Outra coisa: não tenho planos de morrer em breve, ainda pretendo continuar aqui por mais algum tempo para completar o meu serviço. Depois de terminar oficialmente essa rodada de aulas e entrarmos na fase dos trabalhos, que se prolongará por alguns anos, eu também estarei à disposição dos alunos que estão fazendo aulas anteriores, e continuaremos com as perguntas e respostas. Pretendo realizar uma aula semanal dedicada a um trabalho, na qual o examinarei, darei sugestões etc., porém seguindo com as perguntas. Eu continuarei aqui, a menos que o maligno me remova do planeta Terra. Eu não pretendo que isso aconteça.

Também não estou muito mal de saúde. Às pessoas que vêm me dar conselho de saúde, digo o seguinte: primeiro você chega aos sessenta e cinco anos na condição em que me encontro, *então* você me dá lições de saúde.

Aluno: Lendo o livro O Diário da Felicidade, na página 159, Steinhardt fala da inveja: “A paixão da inveja é comparativamente mais ativa do que o egoísmo, doença benigna. E o vírus da igualdade nos aconselha a nos querermos mal com fúria”. Pergunto: não seria a inveja um dos princípios do comunismo e da histeria? Onde há inveja não há humildade nem amor ao próximo (...)

Olavo: A inveja já supõe algum conhecimento do próximo. Você inveja um sujeito porque imagina algo da vida dele. Acho que é mais fácil saltar da inveja para o amor ao próximo do que desse egoísmo nu e cru, que na verdade não é egoísmo, mas egocentrismo – “umbigocentrismo”. O egocêntrico não imagina os outros, que não têm realidade para ele e são como que meros figurantes de seu drama. Para você saltar disso para o amor ao próximo, primeiro precisa descobrir que existe o próximo – e a inveja, por incrível que pareça, pode ser uma maneira de descobri-lo.

Qual é a cura da inveja? É a cobiça. Quem passa da inveja à cobiça terá melhorado muito, porque o invejoso sente que não pode ter aqueles bens que inveja no outro, que está condenado a não ter aquilo. Quanto àquilo que se inveja, sugiro que assuma que o quer e que também pode ter – é a coisa mais fácil de se fazer –, com o que você passará à cobiça. Melhorou um pouquinho, não melhorou?

É assim que funciona, você vai trocando de defeitos. Leia o Dr. Szondi: Trata-se do palco giratório das paixões: troca-se uma paixão por outra, por outra, por outra, por outra. Enquanto está rodando, você está melhorando. Assim, não é que você vai se livrar das paixões, o conjunto vai subir. Não esqueça o que dizia Santo Agostinho: “as virtudes são feitas da mesma matéria dos vícios”. Portanto, não é para cortar o vício, é para transformá-lo em outra coisa: você vai subindo, vai subindo, vai girando. Contudo, a velocidade do palco é como a de uma hélice, quer dizer, é preciso alcançar uma velocidade “x” para sair voando; se a velocidade baixa, você cai. É a permanente transmutação das paixões umas nas outras.

Aluno: Não quero chateá-lo com a história de referências, mas esta vale a pena. O senhor conhece o livro A Criação Literária, do professor Massaud Moisés?

Olavo: Conheço. Estudei **[1:30]** esse livro há mais de quarenta anos. É uma beleza! É um dos livros brasileiros que honra a camiseta. Ele escreveu muita coisa interessante. Aliás, eu usei o material disso

no meu estudo *Gêneros literários*³, onde discuti alguma coisa desse livro — era um ponto em que eu divergia, mas essa divergência não quer dizer que eu não dê valor ao livro.

Aluno: Recentemente li um texto de S. Afonso Maria de Ligório que me angustiou. O texto fala sobre as fugas à ocasião do pecado, e a parte que me angustiou foi esta: “Deve-se igualmente evitar a leitura de maus livros, revistas e jornais, e não só dos que tratam ostensivamente de coisas imorais, como também dos que tratam de histórias insinuantes, como certos poetas e romancistas”. Sei que é sempre errado tentar encontrar um alívio para o conflito que surge, mas procurei me orientar nisso tudo e, principalmente, ver se eu não estava me esquentando com besteira e complicando a guerra.

Assisti às aulas 56 e 57 do Curso Online em que o senhor fala sobre a alma imortal e rapidamente do tema da castidade, e pensei o seguinte: não é ruim escrever poemas, contos ou romances que tenham partes insinuantes, como o fazem Konstantinos Kaváfis, Henry Miller e François Mauriac, se o fundo de sentimentos sobre o qual a obra se baseia for verdadeiro? Pois se ele for verdadeiro, a obra representará uma situação de alma imortal frente a uma ocasião de pecado com as suas angústias e conseqüências, e não ela própria uma ocasião de pecado. Estou no caminho certo para entender o problema?

Olavo: Está. Mas não precisa colocar a coisa só nessa esfera, você a está colocando como um problema teórico de moral. Você pode colocá-la historicamente. S. Afonso de Ligório escreveu isso no século XVIII. No século XVIII não havia televisão, internet, jornal diário; ninguém estava submetido a esse bombardeio diário. Hoje em dia, o sujeito diz: “eu vou me preservar desse material todo, eu não vou ler Henry Miller porque isso pode me corromper”; mas sendo assim, se você assistir a dois minutos do programa do Faustão, você estará corrompido; quer dizer, você se encontra num estado de exposição permanente a tudo o que não presta, e se você consegue ver os pecados e os crimes através das lentes da alta literatura, em vez de vê-los de maneira nua e crua, ou em vez de vê-los embelezado como eles aparecem na mídia, você já terá melhorado.

Então não se preocupe com isso, não. Essa história de “vou preservar minha alminha” vai levá-lo a acreditar que essas virtudes individuais podem ser praticadas isoladamente do contexto social em que você está, e que são compatíveis com a total fuga à responsabilidade social e cultural que você tem. “Ah, eu estou aqui me preservando do pecado...”.

Uma vez tive uma discussão com alguns católicos por causa disso. Eles diziam: “você quer transformar a Igreja num *think tank* anticomunista”. Ora, mas o Papa Pio XI disse que essa é a primeira coisa, é a mais básica: [que o comunismo] é o grande inimigo da Igreja, é isso que nós temos de combater. Se você foge disso (“ah, mas eu não cometi tal pecado”), então você entra naquele raciocínio de que fala o Reinaldo Azevedo: “eu podia estar matando, eu podia estar roubando, eu podia estar cometendo adultério, no entanto eu estou aqui bonzinho...”, e você acha que vai para o céu com essa porcaria... Eu não sei quem vai para o céu ou para o inferno, mas sei que, objetivamente falando, essa atitude é totalmente indecente, é falta de amor ao próximo, é um egocentrismo espiritual horrendo.

Nós não podemos fugir da briga. Você está vendo a situação de toda a civilização, todos os valores, símbolos sagrados, tudo ser aviltado; a vida humana ser totalmente depreciada, o império da mentira na

3. *Gêneros literários: Seus fundamentos metafísicos*, Rio de Janeiro, IAL & Stella Caymmi; republicado em *A dialética simbólica*, São Paulo, É Realizações.

sua frente, e diz: “eu vou cuidar aqui da minha alminha”. Meu Deus do céu, Isso não é cristianismo, isso é coisa de pequeno-burguês. É a ilusão do pequeno burguês: “vou cuidar apenas da minha vidinha”... Mas onde está a sua vidinha? Ela é uma redoma, está isolada no espaço? Porque você não presta atenção nas coisas, elas cessam de acontecer e cessam de afetá-lo? Essa é a política de avestruz, é uma ilusão porque a vida da sociedade vai lhe perseguir onde você estiver: ela está no telefone, no celular, na televisão, no computador... ela está em toda parte. Não temos de fugir, mas ao contrário.

“Ah, mas eu vou me contaminar”. É claro que você vai se contaminar. Quem você pensa que é? Você acha que é melhor do que nós todos? Estamos todos no mesmo barco, tentando nos levantar um pouquinho a partir desta sujeira e desta miséria onde estamos, e pessoas como François Mauriac ou Henry Miller ajudaram-nos formidavelmente com isso. Na medida em que, partindo da miséria, você já consegue criar uma ordenação pelo menos estética, você já saiu do caos. Não que isso baste, evidentemente: o sujeito pode fazer isso, pode conseguir ordenar, criar uma forma de dentro do caos, e parar aí; isso, portanto, não quer dizer que ele vai continuar melhorando moralmente ou intelectualmente. Mas você não é obrigado a parar onde ele parou.

Por exemplo, é impossível ler o Henry Miller sem sentir o gosto da sinceridade, da voz sincera. Até nas entrevistas dele, você o ouve falando e pensa: “esse homem transpira sinceridade, ele não mente.” [Mas se você diz:] “Ah, mas ele fez aquilo tudo”, [pergunto:] por que você tem de olhar para os pecados dele, e não para a virtude? Porque foi a virtude que criou as obras. Então aproveite, pegue o que é bom, como diz S. Paulo, o Apóstolo: “experimentar de tudo e ficar com o que é bom”. Você está lendo Henry Miller para descobrir os defeitos dele? É isso o que você quer? Então você é um fofoqueiro.

Agora, veja, no século XVIII, a perspectiva era completamente diferente. Qual era o número de leitores na população geral? Naquela época os livros eram uma maneira importante de corromper as pessoas. Por exemplo, tome, por exemplo, os dois livros do Paul Hazard, *A Crise da Consciência Européia* e *O Pensamento Europeu no Século XVIII, de Montesquieu a Lessing*, e você vai ver que, dos livros que se imprimiam, eu acho que oitenta por cento eram pornografia, ou isso ou literatura de combate entre religiões, mas de uma maldade, de uma sordidez que você não consegue imaginar. Então essa era a literatura que havia a disposição do povo.

Hoje é diferente: se entrar numa livraria, você tem lá a parte de pornografia, mas ela é pequena, a maior parte não é disso. A situação é totalmente diferente, os livros já não são o meio preferencial de corrupção das almas. Até porque esse ataque à religião, à moral, no século XVIII, era dirigido sobretudo às classes altas. Verifica-se ali aquilo de que falava Adam Smith, que há em toda sociedade dois códigos morais: um conservador, para os pobres, e um liberal, para os ricos. No século XVIII francês você observa isso com uma nitidez formidável. Leia o Paul Hazard e veja os autores que circulavam então (Choderlos de Laclos, Voltaire, Diderot) eram mentirosos compulsivos, malignos, e eram os caras que tinham a fama na época. Poucos autores foram mais populares do que os dois últimos.

Hoje a oferta de livros é infinitamente mais variada e de melhor qualidade até no sentido moral. O que há de pior certamente não vem por livro. Você acessa a Internet, depara-se com tudo quanto é putaria que se pode imaginar; mas livros de sacanagem? Ninguém mais lê livros desse tipo, porque para lê-lo é preciso usar um pouco de imaginação. E para que alguém se daria ao trabalho de usar a imaginação, se já está na tela?

Aluno: Gostaria de agradecer a extraordinária partilha dos seus conhecimentos (...)

Olavo: Muito obrigado.

Aluno: (...) O senhor fala do adestramento da imaginação e a sua grande importância na nossa vida. Pelo que pude ver, o termo “imaginação” no nosso curso é visto como algo muitíssimo mais amplo do que no senso comum. O senhor chegou a dizer que, em Aristóteles, imaginação e memória são praticamente a mesma coisa. Pergunto: seria correto considerar imaginação no sentido amplo como sinônimo de pensamento? (...)

Olavo: Não. Imaginação é, como diz a própria palavra, um pensamento em imagens, portanto não em conceitos abstratos. Se não há imagem concreta, então não há imaginação. Agora, imagem não significa apenas imagem visível, pode ser imagem sonora, às vezes imagem muscular, um movimento, uma coisa assim. É aquele tipo de pensamento que aparece logo no primeiro degrau acima da mera sensação física.

Aluno: (...) Na aula 20, o senhor fala das fontes que alimentam a nossa imaginação. Sei que filmes, livros, imagens, músicas são coisas importantíssimas quanto a isso. Mas pergunto: há algum perigo efetivo nas chamadas mensagens subliminares freqüentemente espalhadas nos nossos produtos culturais? Existe risco efetivo, por exemplo em símbolos satânicos ou maçônicos espalhados aleatoriamente por cenários de filmes e desenhos animados?

Olavo: Existe [1:40] um monte, uma multidão. Vocês viram aquele filme do Zorro, que é com o Antonio Bandeiras e Anthony Hopkins? O filme é cheio desses símbolos maçônicos, é uma mensagem maçônica. As pessoas geralmente não percebem, mas isso não é nem o subliminar: o subliminar é o que está abaixo da sua percepção mesmo, são imagens projetadas durante uma fração de segundos, não se percebe nada conscientemente, [enquanto que no filme] a coisa está lá [claramente exposta]. Hoje tudo está repleto dessas coisas. Pela própria profusão dos elementos que estão à solta, eu acho que, em grande parte, eles se neutralizam a si mesmos, perdem muito da eficácia e a sua memória acaba apagando aquilo.

Eu pretendo mais tarde dar algumas aulas sobre precisamente este ponto, sobre como se faz para perceber que entrou uma influência dessas na sua imaginação e que ela está ali presente. É claro que para isso você vai ter de conceder de vez em quando algum tempo a um aprofundamento no seu imaginário, olhar o fluxo das imagens na sua mente com alguma atenção, baixar a velocidade e olhar aquilo com todo cuidado. As pessoas às vezes não o fazem porque têm medo do que podem estar imaginando. Quando vê a sua imaginação, você vê quem realmente é, o que realmente está pensando; mas no momento em que pensa coisas em que não quer pensar, é porque elas vieram de alguma outra parte.

Por exemplo, às vezes aparece na minha mente discursos verdadeiramente horríveis, contra Deus, Jesus Cristo, a Virgem Maria. O que é isso, de onde veio isso? Não é o que eu acredito no meu coração, mas é o que está passando na minha mente; não fui eu que inventei essa coisa, mas eu sou o responsável pela presença disso na minha cabeça. Então às vezes eu fecho os olhos (o pessoal pensa que eu estou dormindo; estou nada) e retorno [na cadeia de pensamentos] para lembrar de onde veio aquilo. Essa é a pergunta que eu faço à pessoas: de onde veio tal idéia sua? De onde veio tal opinião? De onde veio tal

juízo que você faz? Quando pergunto isso, respondem-me com uma justificativa, uma argumentação em favor daquilo; mas não fui isso que eu perguntei: eu perguntei pela origem.

Argumentar em favor de uma idéia é uma coisa que se improvisa na hora, mas saber a origem, não: para isso é preciso rastrear mesmo a memória, o que às vezes é difícil. É como se fosse uma psicanálise: você tem de fechar os olhos e rastrear aquilo, mas sem ajuda do psicanalista presente. Dá para fazer. Essa meditação, de olhos fechados, na qual você se permite sonhar (mas permanece acordado, anotando seu sonho) é, acredito, um procedimento indispensável para o autoconhecimento humano. Depois de fazê-lo várias vezes, você consegue perceber processos similares que se passam na cabeça de outras pessoas. O sujeito diz uma coisa e você sabe de onde isso veio e entrou na cabeça dele. Você sabe, mas *ele* não sabe, então você pode ajudá-lo a recordar.

Mas precisarei dar uma aula específica sobre isso, porque essa é uma técnica e um requinte psicológico. Eu não quis entrar nisso ainda porque é o tipo da coisa que sei fazer mas que não aprendi isso com alguém, é uma prática pessoal que eu realizo desde os vinte e poucos anos. Então, sei fazer, mas não sei se sei explicar, de modo que eu estou tentando achar as fórmulas verbais certas. Quando eu souber explicar, explicarei.

Aluno: (...) Falando sobre a integridade intelectual, surgiu uma dúvida sobre a programação neurolingüística. Até que ponto o uso dessas técnicas pode ser um fator de desintegração da personalidade? E o quanto pode atrapalhar uma vida séria de estudos?

Olavo: Pode atrapalhar monstruosamente se a PNL se tornar um elemento estruturante da sua personalidade e da sua conduta, o que acontece sobretudo quando uma pessoa desarmada intelectualmente, até psicologicamente, expõe-se a esse ensino e isso tem um grande impacto na vida dela; dando-se isso, certamente essa pessoa será uma filha da programação neurolingüística, que lhe terá chegado não como uma técnica, mas como uma experiência estruturante que tem impacto sobre ela. Então não faça cursos disso; se você quiser aprender alguma coisa, estude primeiro as obras de Milton Erickson, que agora estão sendo publicadas. Ele nunca publicou nada, mas tem muita coisa gravada; são coisas muito importantes, pois ele era um grande psicoterapeuta e não estava de sacanagem de maneira alguma; ele usava aquilo para curar pacientes deficientes de comunicação verbal, como por exemplo esquizofrênicos: o sujeito abria a boca e só saía delírio, portanto a vida psíquica real do cara não se estava presente naquilo e era preciso “fazer um *'loop'*” para alcançar o que realmente se passava dentro dele. Depois de você ter estudado essa obra e tê-la julgado criticamente, aí você pode fazer um pouco da prática. Não vai entrando assim sem mais nem menos, não.

Aluno: Sobre os esquemas globais, quando você os cita e explica nos artigos do Diário do Comércio, qual o público que pretende atingir? Pergunto isso porque não sei direito a quem cabe esse tipo de informação, se é só para os alunos ou para o público geral que lê os seus artigos.

Olavo: É para os alunos em primeiro lugar. Em segundo lugar, para aquelas pessoas, dentro do público em geral, que tenham capacidade para ser meus alunos, embora não o sejam e talvez não o venham a ser jamais. Escrever para pessoas incapazes é algo que não pretendo fazer; ficar lavando cabeça de burro não é muito a minha especialidade nem algo que eu gosto. Falar para quem não entende... se o sujeito não compreende, perco já o embalo; nisso, sou muito dependente do interesse da pessoa. Quando eu era jovem, era conhecido por nunca entrar em discussão, mas se alguém me perguntasse alguma coisa, eu dizia: “você tem certeza que quer saber mesmo?” Se via que o cara tinha interesse, daí

me animava para falar; se não, não. Vou lá ficar falando para quem não quer ouvir? Para quê? É só um chato de galocha.

Aluno: Como superar o problema do bom mocismo?

Olavo: Bom mocismo depende de quem você quer agradar e quem você nomeia implicitamente como seu juiz. Em outras palavras, quais as pessoas cuja opinião tem peso para você. Essa coisa de dizer que não quer saber da opinião alheia é mentira, todo mundo depende da opinião alheia. Mas é preciso selecionar as pessoas (ou círculo de pessoas) que lhe são realmente importantes e quais não são.

Eu tive a sorte (não foi bem sorte, pois procurei) de conhecer pessoas sob cujo julgamento eu me colocava voluntariamente, porque eu as respeitava, amava, e eram tais que jamais me diriam qualquer coisa de sacanagem. Paulo Mercadante, Dr. Müller, Miguel Reale, Roberto Campos são pessoas que eu respeitava enormemente, então eu vou lá e pergunto: “O que o senhor acha disso? Fiz certo? Fiz errado?” Se esses velhinhos achavam que eu estava certo, eu não queria saber a opinião do seu Zé Mané ou da dona Fulaninha da Esquina. Você tem de ser abrigar na opinião dos bons conselheiros.

A Bíblia fala que é muito importante distinguir o que é o conselheiro bom e o que é o conselheiro invejoso (aquele que está o aconselhando com segunda intenção). Aqueles velhinhos, que interesse eles podiam ter comigo? Como é que me manipulariam? Por que tirariam proveito de mim? Quem já está com o pé na cova não tem mais interesse neste mundo. Eram pessoas muito sinceras. Herberto Sales, Antonio Olinto, Dr. Meira Penna, eu tive conversas memoráveis com eles, e a opinião deles pesava muito para mim. Então justamente porque essas opiniões pesavam, as outras não pesavam.

Agora, quem não tem ninguém para aconselhar, meu filho, começa a pedir conselho para a humanidade em geral e treme nos alicerces diante de qualquer um que lhe olhe feio. Assim como, por exemplo, se você teve uma boa criação doméstica, se seu pai e sua mãe lhe deram todo o suporte emocional, moral e etc., você não liga muito para a opinião dos outros porque liga para a opinião de seus pais; mas se você não teve essa boa criação, não fique com raiva de seus pais: procure pelos bons conselheiros – de preferência pessoas mais velhas, letradas, sérias que você conhece – e apegue-se a eles. O resto? Não precisa saber, não precisa ligar.

Opinião de idiota? Os idiotas são sempre opinião majoritária por definição. E fique sabendo o seguinte: uma grande parte das pessoas nunca vai compreender o que você quer, sempre vão julgá-lo mal, erroneamente, mas às vezes isso é a prova de que você está certo. Se você é católico e tem um bom [1:50] padre confessor, pergunte a ele. E os outros? Não precisa. A dependência da opinião alheia se cura com a dependência da opinião alheia: é só você escolher uma opinião melhor.

Aluno: Tenho reparado um fenômeno que é cada vez mais recorrente nos estudantes brasileiros. Os estudos superiores facilmente tornam-se uma nova roupagem a recobrir personalidades em frangalhos (...)

Olavo: Batata!

Aluno: (...) A personalidade intelectual, mais outra máscara a disfarçar a velha face. A vida religiosa, uma aparência a mais para exibir perante um grupo de referência. (...)

Olavo: Isso acontece mesmo. Agora, acontece o seguinte: esse negócio de vida religiosa é mortalmente sério, mortalmente sério: céu existe, inferno existe, outra vida existe, de modo que a vida religiosa não foi feita para aliviar a sua consciência durante esta vida, ao contrário: ela vai atormentá-lo sempre, porque, diz S. Paulo, o Apóstolo, é o Espírito Santo que lhe revela o seu pecado; então diariamente vai apertá-lo, dizer: “isto aqui está errado, aquilo está errado...”, e muitas vezes você terá de reconhecer o erro e dizer: “meu Deus, tenha paciência comigo porque eu tenho esse erro mas ainda estou apegado a ele, não estou desvencilhado, então ajude-me”.

Agora, se a pessoa usa a vida religiosa no mesmo sentido em que um militante usa suas opiniões grupais, ela está lascada, porque aí você já terá se tornado uma representante de um grupo de interesse, um grupo de interesse chamado, na cabeça dela, “Igreja Católica”.

Por isso que eu nunca falo em nome da Igreja Católica, eu não sou alguém para falar, sou o último da fila, não mando nada nesse negócio. Assim, eu expesso a minha opinião e espero, sinceramente, que ela não esteja em contradição, em última análise, com o ensinamento da doutrina católica. Se bem que reconheço que, entre as análises de fato que estamos fazendo e a doutrina universal da Igreja, a distância é imensa. Você não pode comparar uma coisa com a outra de maneira chapada, cumpre fazer todas as mediações. Então, eu espero que tudo esteja de acordo. E se estiver errado, que Deus me perdoe e que alguém me corrija.

Mas se você vestiu a camiseta e falou “agora eu sou o representante do Magistério”, você vai começar a falar besteira no instante seguinte e estará usando isso, como diz [o aluno na mensagem], como mais um reforço da sua vaidade. Não que nós não tenhamos vaidade: todos temos, mas uma coisa é a vaidade natural do ser humano, outra é essa vaidade inflada por uma identidade social dignificante. Isso não; pense assim: o seu umbigo é apenas o seu umbigo, não é o da humanidade, não é da Igreja Católica, nem do partido.

Ele continua aqui. Ele usa uma frase que parece paradoxal:

Aluno: (...) A superficialidade do brasileiro é profunda.

Olavo: Os caras são profundamente superficiais; até nos extratos profundos da personalidade eles são superficiais.

Aluno: (...) Imaturos, inseguros, afetados por problemas psicológicos e problemas psiquiátricos, às vezes sem muita consciência moral, entregam-se a estudos superiores sem serem transformados por eles.

Olavo: Mas a universidade existe para isso, para pegar um sujeito neurótico, egocêntrico, histérico, maluco, vestir-lhe uma camiseta e dizer: “agora você é sociólogo, você é um cientista social, você é um filósofo, você é um profissional da saúde mental”. Todo o mundo procura identificar-se com base numa identidade profissional, por isso a melhor coisa é não ter identidade profissional alguma ou raramente falar em nome dela. Se é para falar usando uma, então é preciso ter certeza do que está falando: você assume uma responsabilidade moral, social, civil e penal pelo diz. Quanto ao resto? Fale apenas em seu próprio nome. [Se lhe perguntarem:] “Quem é você para dizer isso?” [Responda:] “Eu sou o cara que disse isso, não sou mais ninguém além disso. “

Aluno: (...) Ao contrário, integram os estudos no desfile da escola de carnaval psiquiátrico nacional. Tudo isso me faz duvidar da possibilidade do desenvolvimento do espírito na alma brasileira, pelo menos na presente geração. Mesmo os estudantes que parecem mais sérios, acabam se revelando pouco ou muito malucos. O que pensa desse diagnóstico? E o que fazer quanto a isso?

Olavo: Eu penso que esse diagnóstico está inteiramente correto. É preciso lembrar o seguinte: a vida intelectual não é uma escola de perfeição moral, mas há certas virtudes morais sem as quais ela não existe, e a primeira é o desejo de conhecer a verdade: em primeiro lugar, a verdade sobre você mesmo na sociedade humana. Esse desejo implica, primeiro, em entender que a moral foi feita para a sua orientação, não para você julgar os outros. Julgar os outros, só quando você é obrigado a fazê-lo, quando tem um motivo sério para fazê-lo; você não [deve] se interessar por julgar ninguém, nem mesmo aqueles que o prejudicam.

Se alguém o prejudica, o máximo de julgamento moral que você pode fazer dele é: “esse sujeito está enchendo o saco”. Ele é mau, ele é bom? Não sei, como é que eu vou fazer? Já houve pessoas que tinham fama de muito más e foram boas para mim, então o que me interessa ter um julgamento total da pessoa? Nada. É melhor não ter opinião nenhuma sobre ninguém. Pense assim: você é Deus no juízo final? No juízo final você será consultado, você dará o seu parecer? Se pedir meu parecer, eu falo, não sei de nada, eu espero que todo mundo seja absolvido, que vá todo mundo para o céu, inclusive os piores e principalmente os piores, a começar por mim mesmo. É só você ter um pouco dessa medida do juízo final, viver com isso na cabeça: cura muita coisa. Assim, se a pessoa foi má, fez uma sacanagem etc., o que eu posso fazer para ajudá-la, para melhorar essa pessoa? Se eu não sei fazer nada, então é melhor não pensar no assunto, deixa assim como está.

É uma questão de praticidade, de economia, é o método de Sherlock Holmes: não guarde na cabeça conhecimentos inúteis⁴: se entrou um conhecimento inútil, apague; o que você sabe da vida alheia, esqueça – *sobretudo* se o sacanearam. O número de pessoas que me sacaneou na vida é muito grande. Quer saber? Hoje em dia eu quero bem a todos eles, digo sinceramente. Não tenho nada contra ninguém. Por quê? Na hora já revidei, já dei umas porradas, acabou o problema. Também o conselho: você não leva desaforo para casa, porque senão aquilo vai o correr e você vai guardar rancor. Melhor dar umas porradas no cara na hora e, no dia seguinte, são amigos de novo ou pelo menos você esquece o cara.

Aluno: No Brasil, a falta de preocupação das pessoas com a experiência estética parece evidente e já foi comentada pelo senhor, quando abordou em aulas passadas, em passant, a questão do mau gosto da arquitetura brasileira nas últimas décadas. Sem adentrar em maior discussão no momento, parece haver um sentimento geral do brasileiro de que a experiência estética é algo supérfluo e não-essencial à alma humana e, por consequência, à vida interior do próprio brasileiro. O senhor acha que esta questão – as consequências da ausência da valorização do belo pelo povo brasileiro em geral não apenas na arquitetura, mas em todas as circunstâncias que a experiência ocorre – seria um tema que mereceria ser objeto de estudo no sentido proposto pelo senhor há pouco?

Olavo: Mas sem sombra de dúvida, isso é urgentíssimo, [estudar] a relação mórbida que o brasileiro tem com a beleza, com estética de modo geral. Por um lado, o brasileiro é um esteticista: isso quer

4. Sherlock Holmes, o famoso detetive criado por Sir Arthur Conan Doyle. O trecho a que o prof. Olavo alude é do livro *Um estudo em vermelho* (1914). (N.R.)

dizer que, nele, os critérios estéticos e prazerosos predominam sobre os éticos, psicológicos e ontológicos. Existe aquele famoso livro do Mário Vieira de Mello, *Desenvolvimento e Cultura*, que ele estragou na segunda edição. Brasileiro gosta disto: escreve um livro maravilhoso, depois fala: “agora vou ampliar, vou melhorar” e esculhamba com ele inteiro. Melhor que, uma vez publicado, deixe como está; não gostou daquele, escreva outro melhor, *mas deixa aquele*. Enfim, procurem pela primeira edição: *Desenvolvimento e Cultura: o problema do esteticismo no Brasil* – é um livro fundamental.

Existe, portanto, esse esteticismo; nós o observamos, por exemplo, no diletantismo [do brasileiro], na afeição às artes e aos espetáculos como se fossem a cultura; mas, por outro lado, toda essa vivência estética do indivíduo é separada da sua vida real, então o sujeito vive na feiúra, mas depois ele busca [um paliativo]: “agora eu vou ouvir Mozart e me transportar às regiões sublimes”, para dali a pouco voltar à mesma porcaria; ou seja, o indivíduo não entende a função real [2:00] da beleza e do senso da beleza na vida diária, na qual ele passa desse esteticismo para um pragmatismo, um “dinheirismo” absolutamente deprimente.

A impressão que passam é a de que fazer qualquer coisa só porque é bonito é uma perda de tempo: se vão construir uma casa, por exemplo, para que fazer bonito, se podem fazer tudo esculhambado, vender e ganhar um dinheiro rapidamente? Isso vai estragando o ambiente físico. Agora, fazem coisa feia para vender, mas será que querem o mesmo para si mesmos? “Ah, não.” Então o que fazem? Mudam-se para outro lugar. Vendem porcaria aqui e vão morar num lugar bonito acolá. Acontece que daqui a pouco não haverá mais lugar bonito para onde correr, tudo estará estragado: a feiúra vai se alastrando, alastrando... e aquilo de fato acontece. Isso é um negócio notável na arquitetura paulista.

Mas é importante ver que nem sempre foi assim. Essa insensibilidade estética não é permanente no Brasil, ela começou num dado momento, e eu acho que a coisa data dos anos 50, sobretudo da industrialização pelo JK. O pessoal começou a ganhar dinheiro e a gastar em besteira. Você não pode colocar dinheiro na mão de idiota, ele vai fazer bobagem. Por que no Rio de Janeiro você ainda encontra mais casas bonitas, lugares bonitos? Porque o carioca não tem dinheiro para derrubar aquilo e botar uma porcaria no lugar. Este problema, sobretudo do ponto de vista histórico de como é que a coisa se desenvolveu, como é que chegou a esse ponto, isso é fundamental. Se você fizer um estudo histórico sobre isso, você será um benemérito. Mas antes de fazer o estudo histórico, você tem de fazer um simples estudo comparativo.

Depois que nos mudamos para os EUA, vimos que a beleza aqui é normal, todo mundo procura fazer a coisa bonita. E o bonito não é aquele bonito isolado, “como eu inventei”, não: a minha casa tem de combinar com a do vizinho, com a do outro, com a do outro... tem de combinar com o lugar. Agora fizeram uma nova versão do *The Fountainhead*⁵, o romance da Ayn Rand, que é a história de um arquiteto genial que quer fazer uns edifícios diferentes, saindo do estilo etc., e afirma que “um edifício tem de ter personalidade”. Ah, sim, e uma cidade não precisa ter? Então chega aquele seu edifício com uma bela personalidade, destoando de tudo, você terá desfigurado a cidade. E isso é o que todo mundo faz em São Paulo: quando vai fazer um treco bonito, pensa só na beleza daquele edifício isolado do resto, de modo que no conjunto acaba sempre ficando feio. Aqui você vê que as pessoas gostam de construir umas coisas que combinem com o resto. Pode ser diferente, mas tem de combinar de alguma maneira. No Brasil, eles não têm essa noção.

5. O professor confundiu o título com o de outro livro da autora, *Atlas shrugged*; corrija o texto e insiro esta nota para sanar confusões de quem esteja acompanhando o áudio. (N.R.)

Ao mesmo tempo, você vê que o americano tem a noção da solidariedade comunitária. É uma coisa incrível como isso é real aqui. Você sente a preocupação dos seus vizinhos com o seu bem-estar, com a sua segurança. É algo notável, é do dia-a-dia, não é uma coisa idealista. No Brasil, quando o sujeito socorre o vizinho, ele pensa: “agora estou beatificado, já virei santo, eu podia estar matando, podia estar roubando e, no entanto, até emprestei um dinheiro para o meu vizinho, olha como eu sou bacana”. Aquela falta de sentimento estético vem junto com a de sentimento ético e com a de amor ao próximo. Há também aquele estado de irritação — o brasileiro é muito irritado com os outros. Eu observo até nas melhores pessoas, elas têm pouca paciência com os outros. Quer dizer, não têm aquele interesse afetuoso e caridoso, de querer saber o que se passa dentro da pessoa porque você poderia ser ela. Os seres humanos são muito parecidos no fundo. Essa identificação com o próximo é o aspecto cognitivo do amor ao próximo. Mas se não se tem nem o aspecto cognitivo, como é que vai ter o aspecto prático?

Aluno: Gostaria de saber se a possibilidade de fazer bons estudos da história dos hebreus no Brasil.

Olavo: Não é que há a possibilidade, há necessidade. Por exemplo, aqueles judeus todos que vieram para o Recife, depois se mudaram para Nova Iorque e criaram então o comércio de diamantes em Nova Iorque. Você conhece uma boa história disso? Você quer um tema mais importante do que este: por que os caras saíram? Por que eles vieram, por que eles saíram? A explicação usual é a de que eles tinham medo da Inquisição. Ao que digo: meu filho, estude a história da Inquisição: ela estava pouco se linchando para os judeus, só se interessava pelo judeu quando era um que se convertia ao catolicismo por interesse e daí tentava manobrar a Igreja num sentido a favor de sua comunidade – então a Igreja interessava-se. Mas, em princípio, a Inquisição não julga quem não é católico, por definição. Nenhum não-católico foi jamais julgado pela Inquisição. Portanto se os judeus eram judeus praticantes, eles não tinham nada a temer da Inquisição. Podiam às vezes até temer um governo civil, mas não consta que algum governo brasileiro realizasse alguma perseguição aos judeus. Pode ter havido, mas eu não sei historicamente. Enfim, alguma coisa aconteceu. É uma história muito interessante.

Quer ver outra história que eu mesmo procurei averiguar? Vocês conhecem a Rua 25 de Março, em São Paulo. Como é que ela, que era um bairro judeu, tornou-se um bairro árabe – e o centro do comércio árabe em São Paulo? Alguma coisa houve, mas eu não encontrei. Só quem se lembrava mais ou menos disto era o senhor José Khouri, mas eu não encontrei outras testemunhas e também eu não tinha tempo. Esses temas aparecem na minha cabeça... é uma droga, alguém tem de investigar isso, mas eu não vou poder fazer.

Aluno: Como eu faço para aprender o português da forma certa? Que métodos eu posso usar para isso?

Olavo: Pimsleur⁶. Procure lá português para., eu não sei qual é a sua língua originária, parece polonês ou russo, uma coisa assim. Ele tem lá dezenas e dezenas de cursos de uma língua para falantes de outra. Esse Pimsleur é o maior gênio de ensino de línguas que eu já vi, porque ele descobriu o óbvio. Ele disse que se aprende a falar ouvindo e falando, não escrevendo, portanto, ele ensina a língua como se ensina para uma criança ou para um analfabeto. Primeiro pela orelha, você não vai nem saber como se escreve as coisas, o ensino da escrita vem muito mais tarde. Isto funciona que é uma coisa maravilhosa!

6. Trata-se de Paul Pimsleur. Seus cursos em áudio podem ser adquiridos em www.pimsleur.com. Ele também descreve seu método no livro *How to learn a foreign language* (1980), publicado postumamente. (N.R.)

Hoje eu tenho dó de mim mesmo por ter tentado estudar línguas por outro método antes, porque eu sofri demais e avancei muito pouco. Não tenho talento natural para línguas, é-me muito custoso, eu sofro demais. E, na verdade, acabo aprendendo não com as aulas: aprendo muito na leitura forçada. Lembro-me que, quando eu tinha uns quatorze ou quinze anos, peguei o livro do François Mauriac, *Le noeud de vipères*; eu entendi uma palavrinha aqui, uma palavrinha ali e falei: “vou ler este livro até o fim, custe o que custar; não vou ler mais de dez linhas por dia, mas as dez linhas eu vou entender”. E fui, fui, fui e fui. Quando terminei aquele livro, peguei o livro seguinte do François Mauriac, eu já consegui ler quase sem dicionário. Eu anotava cada palavra, quando eu via que a palavra aparecia de novo, eu falava: “quer ver, eu vou no dicionário de novo, eu não vou deixar passar nenhuma”. Isso funciona também, mas é o método doloroso que serve para maus alunos como eu, porque, em todos os cursos que eu fiz de qualquer coisa, eu sempre fui péssimo aluno.

Também os professores eram péssimos. Quando eu tive um bom professor, eu rendi. Por exemplo, o falecido professor José Hidelbrando Bretas tentou me ensinar latim e conseguiu porque ele era excelente professor. O próprio professor Menotti Tancredi que me ensinou francês, também conseguiu. Professor Décio Grisi me ensinou biologia, aprendi. Também foram só esses, o resto não aprendi nada. Inglês e matemática, no ginásio, eles fizeram tudo o que podiam para me ensinar. Também tive vários professores de piano, eles deram o melhor de si, não conseguiram nada. Então essas coisas todas eu fui aprender mais tarde pelo método doloroso.

Muito bem, eu acho que hoje já fomos longe demais; então até a semana que vem. Muito obrigado.

Transcrição: Jussara Reis de Abreu

Revisão: Lucas Félix de O. Santana